



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 9, v. I | maio.-out. 2018

p. 5-25.

Infância à penumbra: notas para uma meteorologia da moral

Eder Amaral¹

Heliana de Barros Conde Rodrigues²

RESUMO: Entre 1968 e o início da década 1980, a atmosfera que envolvia o pensamento francês tornou possível a emergência de perspectivas éticas, estéticas e políticas cujas problematizações levaram a um radical questionamento do sentido e do valor da infância, pensada para além do seu estatuto social. Agitada pelas obras, ideias e intervenções de René Schérer, Guy Hocquenghem, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Michel Foucault, entre muitos outros, esta “cruzada das infâncias” configurou um campo de lutas que, a partir da década de 1980, se desvanece sob a cristalização de uma imagem pretensamente universal da criança como sujeito vulnerável e em desenvolvimento necessário rumo à idade adulta. Entre 1968 e o final dos anos 1970, os jornais, as prateleiras das livrarias, os cinemas e as salas de aula testemunham a efervescência de outras maneiras de pensar e viver com as crianças. Os episódios históricos que tornaram possível a enunciação desse conjunto de problemas evidenciam que a infância, antes mesmo de ser uma categoria etária ou um constructo teórico, é um território em disputa. Mas, uma vez que se trata de pensar uma realidade ausente, como colocá-la novamente em cena? Estas notas integram uma pesquisa que se propõe a mapear a meteorologia da moral que tornou simultaneamente possíveis e conjuradas as imagens de uma “infância à penumbra” no pensamento francês contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Infância; história; pensamento francês contemporâneo.

Abstract: Between 1968 and the early 1980s, the atmosphere surrounding the French thinking made possible the emergence of ethical, aesthetic and political perspectives whose problematizations led to a radical questioning of the meaning and value of childhood, thought beyond its social status. Agitated by the works, ideas and interventions of René Schérer, Guy Hocquenghem, Gilles Deleuze, Félix Guattari and Michel Foucault among many others, this "childhood crusade" set up a field of struggles that, from the 1980s, faded under crystallization of a presumably universal image of the child as a vulnerable and under a development necessary for adulthood. Between 1968 and the late 1970s, newspapers, the shelves in bookstores, movie theaters, and classrooms witness the effervescence of other ways of thinking and living with children. The historical episodes that made possible the enunciation of this set of problems show that childhood, even before being an age category or a theoretical construct, is a territory in dispute. But, since it is a question of thinking an absent reality, how to put it back on the scene? These notes integrate a research that proposes to map the meteorology of the moral that simultaneously made possible and conjured the images of a "childhood to penumbra" in contemporary French thinking.

Keywords: Childhood; history; contemporary French thinking.

¹ Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e professor Assistente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: ederamaralesilva@gmail.com

² Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP) e professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: helianaconde@uol.com.br

Recebido em 28/02/18

Aceito em 27/03/18

Resumén: Entre 1968 y principios de la década de 1980, la atmósfera que envolvía el pensamiento francés hizo posible la emergencia de perspectivas éticas, estéticas y políticas cuyas problemáticas llevaron a un radical cuestionamiento del sentido y del valor de la infancia, pensada más allá de su estatuto social. En el caso de René Schérer, Guy Hocquenghem, Gilles Deleuze, Félix Guattari y Michel Foucault, entre muchos otros, esta “cruzada de las infâncias” ha configurado un campo de luchas que, a partir de la década de 1980, cristalización de una imagen supuestamente universal del niño como sujeto vulnerable y en desarrollo necesario hacia la edad adulta. Entre 1968 y finales de los años 1970, los periódicos, los estantes de las librerías, los cines y las aulas testimonian la efervescencia de otras maneras de pensar y vivir con los niños. Los episodios históricos que hicieron posible la enunciación de este conjunto de problemas evidencian que la infancia, antes incluso de ser una categoría de edad o un constructo teórico, es un territorio en disputa. Pero, una vez que se trata de pensar una realidad ausente, cómo ponerla de nuevo en escena? Estas notas integran una investigación que se propone a mapear la meteorología de la moral que hizo simultáneamente posibles y conjuradas las imágenes de una “infancia a la penumbra” en el pensamiento francés contemporáneo.

Palabras clave: Infancia; historia; pensamiento francés contemporáneo.



1. Deserto, anos de inverno, glaciação

... atravessar um deserto, um período de deserto não é grande coisa. O terrível é nascer nele, crescer num deserto, é horrível, suponho, pois deve-se ter uma impressão de solidão.

Gilles Deleuze, *L'abécédaire...*, *C de cultura*.

Delira-se as raças, os climas, a história... “Lufada de ar fresco”, dizia-se ao escutar o assovio desse vento belo e violento, filho de uma primavera pródiga, tão recente quanto longínqua. Foram precisos não mais que alguns anos para o tempo virar *como que sem volta*, secar os campos, rarear a flora, emudecer o canto de pássaros raros. Sabia-se que a exuberância daquela estação não se repetiria, sequer duraria para sempre. Mas nem mesmo os mais astutos *homens e mulheres do tempo* poderiam esperar pela estranha calma que pousa sobre nossas cabeças desde que a atmosfera nos vestiu com essa comprida friagem securitária.

O clima, a atmosfera e a vegetação não nos ocupam gratuitamente. São imagens literais do que se passa em nosso tempo quando se trata de pensar a infância a partir do desejo, do corpo, do prazer. A objeção não tarda a se interpor sob a alegação de que a “sexualidade infantil” não é segredo para ninguém depois de Freud; ou que o desejo da criança hoje é inclusive protegido pelos mecanismos legais etc. ... Bem se sabe que o frio e a sonolência se compõem: não admira que um tão abissal *sono democrático* (RODRIGUES, 2008; SCHÉNER, 1997) seja refratário ao murmúrio das crianças *lá fora*.

A confissão de um singular meteorologista arrepia a espinha até de quem já nasceu nestes anos de inverno: “Sou daqueles que viveram os anos sessenta como uma primavera que prometia ser interminável; assim, tenho alguma dificuldade para me acostumar a este longo inverno dos anos oitenta!” (GUATTARI, 2009, p. 31). Dramático, meiaoitista inveterado e sem vergonha, Guattari sente o frio que faz – “como cada um de nós, às vezes, quando anoitece” (RODRIGUES, 1994, p. 625) – porque não deixa de se expor a ele, mais do que suporta o coração. Teimoso, criancero, brinca sob o sereno gélido de uma Europa que barganha aberta e progressivamente a permuta de liberdade por polícia:

Às vezes a história nos regala, mas nunca com sentimentos. Ela conduz seu jogo sem se preocupar com as nossas esperanças e decepções. Sendo assim, ela impele a tomar seu partido e a não confiar demais no ciclo esperado de suas estações. Sobretudo porque, na verdade, nada garante que a este



inverno não suceda um novo outono ou mesmo um inverno ainda mais severo! (GUATTARI, 1985/2009*, p. 31, tradução nossa).

A meteorologia oficial nos diz que o presente está alojado numa zona de estabilidade, longe da tormenta que foi a Grande Recusa, *El niño* político que convém conjurar – tanto quanto possível. Se hoje lhe reconhecem a já questionada existência, é para melhor acondicioná-la sob a forma apaziguadora de um passado “já resolvido”, súbita extravagância que o progresso soube colocar no seu devido lugar: os livros de história, os documentários, o esquecimento. Desordem climática fugaz, mas temida pelos observatórios de todo planeta, Maio de 68 produziu o tipo raro de “vidência” que permite, por um breve instante e de uma só vez, que uma sociedade vislumbre aquilo que ela contém de intolerável e, principalmente, a possibilidade de outros modos de vida (DELEUZE; GUATTARI, 1984/2007).

Retrospectivamente, os efeitos daquela vidência primaveril podem até ser considerados duradouros. É claro que ela não começa em Maio³, sequer em 68; é claro também que não terminara ali. Os anos 1970, década da experimentação e da problematização celebradas nos territórios os mais diversos, não deixarão de alargar o horizonte do possível nos grandes debates políticos e nas pequenas decisões cotidianas: o pensamento e a política sim, mas postos à prova da cozinha, da sala de aula, da rua, da cela, da cama. Década de enfrentamentos, de querelas, de lutas... E da alegria de empreendê-las. O clima, literalmente, era outro.

Hoje tudo isso repousa sobre uma incultura total, sobre uma impossibilidade – tanto nos atos como nas intenções – de se colocar em perspectiva, de uma relativização em relação a outras épocas. Ao contrário, é a história que se coloca sob acusação. Antigamente se dizia: “Em outras épocas agia-se diferentemente, logo nossas verdades são relativas”. Agora é o contrário, se diz: “Nossas verdades são absolutas, logo a história é culpada” (SCHÉRER; BESSIN, 2007, p. 26, tradução nossa).

Daí que já não cause espanto o esforço sistemático, empreendido em diversas frentes, no sentido da desqualificação de determinados períodos da história (particularmente os recentes), marcados pela experiência de viver diferentemente do que vivemos hoje. A investida é ainda mais trapaceira quando se trata do campo do desejo e de sua experimentação, diante do que o estado da arte da normalização parece ter alcançado um curioso “fim da história” do uso dos prazeres. “Entre

* Em virtude dos aspectos historiográficos explorados neste texto, sempre que for pertinente, citaremos os textos remetendo ao ano da publicação original seguido do ano de publicação da edição consultada, *vide supra*.

³ Guattari dizia que o inconsciente molha quem dele se aproxima. A quem tiver mais desejo do que medo de se molhar nas emergências e proveniências de Maio, convidamos a experimentar *As subjetividades em revolta: institucionalismo francês e novas análises*, Tese de Doutorado, IMS, UERJ (RODRIGUES, 1994).



esta época [anos 1970], aliás tão próxima, e nós, há um mundo. O conjunto da sociedade mudou. *Uma glaciação*, com efeito, um pesadume moral” (SCHÉRER; LAGASNERIE, 2007, p. 13, tradução e grifo nossos).

... No que há de terrível, *um deserto*. Não por suas povoações subterrâneas e nomadismos, mas pelo sentimento de um silêncio enorme, que dificulta os deslocamentos e as passagens, uma surdez climática, territorial. Como naquelas vastidões feitas de gelo, “nenhuma linha separa a terra e o céu; não há distância intermediária, perspectiva, nem contorno, a visibilidade é restrita” (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p. 54); podendo ver mal em que ponto exatamente nos encontramos, toda referência dependeria de um tato composto ao canto dos ventos, ao estalar do gelo aqui e ali. “Contrariamente ao que se costuma dizer, nele não se enxerga de longe, e não se enxerga o deserto de longe, nunca se está ‘diante’ dele, e tampouco se está ‘dentro’ dele (está-se ‘nele’...)” (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p. 204). Querendo ou não, sabendo de seus perigos ou não, de repente, eis-nos aqui: nele.

Deliramos os climas, os territórios, as bibliotecas... As pilhas de livros dedicadas a esta infância penumbrosa têm quase que absolutamente as páginas puídas e amareladas, as capas carcomidas, um cheiro de papel antigo, adocicado por primaveras remotas. Mais que a passagem do tempo, o desgaste dos volumes é signo do deserto hostil que atravessaram. O espanto que um leitor de hoje pode ter com grandes bazares (COHN-BENDIT, 1975/1988), enciclopédias das homossexualidades (HOCQUENGHEM; CRESSOLE; QUERRIEN, 1973/2002), álbuns sistemáticos da infância (SCHÉRER; HOCQUENGHEM, 1976), diários de educastrador (CELMA, 1971/1979), emílios pervertidos (SCHÉRER, 1974/2006), guias ilustrados do sexo bem comportado (DUVERT, 1974/1979) – para mencionar uns poucos tratados de meteorologia da moral –, testemunha que eles falam de uma “realidade ausente” (SCHÉRER; DELORIEUX, 2010).

A dificuldade já está instalada: como se orientar num deserto surdo? Como não petrificar nesses anos de inverno securitário, de glaciação moral? Como abrir o tempo, mexer no clima? Como retomar um problema, outrora tão candente, mas que hoje parece jamais ter sido possível? *Como contar a história de uma realidade ausente?* Se há um desafio, neste trabalho, é a dificuldade extrema de acertar o tom para fazer ouvir o sopro desse vento cálido sem estuporar quem se habituou demais ao inverno que faz entre nós quando se trata de pensar o desejo infantil e sua relação conosco.

“Esta besteira terrível, mortífera, porta um nome. [...] Ao mesmo tempo nominal e anônima, *à maneira das forças da natureza contra as quais nada podemos*, reina hoje o que em outros tempos se



chamava de opinião, de *doxa*, que torce e distorce as ideias que lhe chegam” (SCHÉRER; LAGASNERIE, 2007, p. 14, tradução e grifo nossos). É de Gabriel Tarde que Schérer recupera essa maneira de pensar a opinião, como algo que gradualmente se alastra tomando a proporção de algo *inengendrado*, evidente. No que concerne à infância e seu desejo, seu corpo, seu prazer, a experiência climática do contemporâneo indica que o tempo anda propício a *formações doxológicas* em escala jamais observada!

Nesse domínio, a opinião hoje já não se interessa tanto pelas condutas concretas ou por seus efeitos, mas pelo perigo potencial. “Consequentemente, o que se está em vias de definir agora é aquilo que se delinearão não só pela intervenção, mas pela lei, pelo juiz, pelo médico, através da ideia de indivíduos perigosos” (FOUCAULT; DANET; HAHN; HOCQUENGHEM, 1978/2001b, p. 772, tradução nossa). Entretanto, mais do que vigiar atos precisos, interessa ao “tempo que está fazendo” produzir uma dupla captura: por um lado, condenar as “formas de conduta” em abstrato, por si mesmas; por outro, segmentar os indivíduos ou modos de vida considerados “vulneráveis”, “em situação de risco” e, portanto, passíveis de tutela ou proteção pelas malhas mais capilares do Estado. A previsão do tempo em 1978 não poderia ser mais acurada:

Teremos uma sociedade de perigos na qual, de um lado, se colocará aqueles que estão em perigo e, do outro, aqueles que são portadores de perigo. E a sexualidade não será mais uma conduta com algumas interdições precisas; a sexualidade se tornará justamente uma espécie de perigo que ronda, uma espécie de fantasma que vai se lançar entre homens e mulheres, entre adultos e crianças, eventualmente entre os próprios adultos etc. (FOUCAULT; DANET; HAHN; HOCQUENGHEM, 1978/2001b, p. 772, tradução nossa).

A propensão a codificar toda uma multiplicidade de *tensões desejanτες* entre adultos e crianças sob o terror do trauma e da potencial agressão é um dos muitos obstáculos do presente a qualquer tentativa de conceber a infância para além da família, da escola e da própria criança como sujeito empírico de uma vitimologia insaciável. É que não se acaba nunca de ser assediado pelo que chamaremos aqui, com alguma extravagância, de *efeito-amálgama*⁴, para lembrar o que já foi dito por Schérer quanto ao automatismo da mescla pedofilia-abuso-violência-doença-crime. As razões para isso não são poucas...

⁴ “Os analistas franceses da vertente socioanalítica preferem os efeitos às leis. Mediante tal privilégio, fazem decidida opção antipositivista: ao contrário da lei científica, em que o *ver* faculta o *prever* – preceito sintetizável pela fórmula “assim tem sido, assim será” –, o efeito está invariavelmente ligado à preservação, deliberada ou involuntária, de determinadas condições (institucionais)... de efetuação! Efeitos são contingências repetidas, não legalidades universais às quais estejamos, sem escapatória, submetidos ou sujeitados” (RODRIGUES, 2002, p. 11, grifos da autora).



A primeira é uma diferença colossal entre atos clandestinos e discursos públicos. Os pedófilos que a polícia persegue se escondem. É em segredo, à revelia de todos, sob ameaças, que eles impõem suas práticas a crianças transformadas em objetos sexuais, que assim são exploradas e aviltadas. As numerosas vezes que, em nome da liberdade sexual das crianças, se fizeram ouvir ao longo dos anos do pós-Maio, o fizeram à vista de todos, abertamente, em publicações e discussões cujo propósito explícito era sempre movimentar a vida para torná-la mais feliz (DROIT, 2001, online, tradução nossa).

É porque esse espectro de indiferenciação ronda o assunto que, já de saída, marcamos a distinção que o efeito-amálgama impede não apenas de perceber, mas principalmente de pensar. Diante da histeria securitária dos dias que correm, a ideia de mexer nesse clima não pode escapar ao signo da suspeita – glória da besteira, diria Deleuze – ou à desqualificação sob a forma estereotipada do delírio, da fantasia, da utopia. Longe de sucumbir ao impasse, é dele mesmo que extraímos a graça e o charme dessa climatologia passional, delirante, fantástica, novelesca, utópica. Nem tudo nesse deserto é frio, surdez e solidão. Mesmo diante de sua inclemência, há sempre a *faible force* do humor a alucinar miragens de clima atraente, convidando a fugir de casa as criancinhas.

2. O bando e seus mapas

Esta presença de outro lugar, esta aura utópica onipresente, eu a entendo no sentido em que Charles Fourier falava da difração da luz: franjas luminosas transbordando um disco negro. [...] A luz difratada se torna uma franja multicolor quando seu feixe é assombrado.

René Schérer, *Un esprit d'utopie*.

Passemos à divagação dessa *realidade ausente*.

Entre as muitas máquinas postas em funcionamento por Félix Guattari em meio aos seus “grupelhos”, a FGERI (Federação dos Grupos de Estudos e Pesquisas Institucionais), criada em 1965, será aquela que catalisará a produção de um experimento institucional que pretende inocular à atividade de cada um dos grupos federados – compostos por médicos, militantes, antropólogos, professores primários, economistas, arquitetos, urbanistas etc. – um “processo analítico” cuja condução deveria se desenrolar a partir dos arredores impensados da vida destes grupos, em especial, “incitando-os a reconhecer e afirmar suas pulsões inconscientes, cuja denegação era para nós a causa primeira dos impasses políticos dos grupelhos de esquerda” (FOURQUET, 1981, online, tradução nossa). Alheia à separação corriqueira entre trabalho e desejo, a FGERI tenta constituir-se num território de indiscernibilidade entre a ousadia epistemológica e a produção de um modo distinto de viver junto: “tal processo analítico (-institucional) se compõe de duas dimensões



fundamentais: a investigação acerca da investigação e as investigações transdisciplinares” (RODRIGUES, 1994, p. 368).

A combinação de experimentação analítica e colaboração política num território comum em que a convivência passa por um jogo – nem sempre tranquilo – de deslocamento das balizas que separam a vida pública e a vida privada será, contudo, apenas um eixo da experiência. Paralelamente, o objetivo da Federação é potencializar o trabalho intelectual desenvolvido nos grupos a partir do empreendimento de pesquisas não acadêmicas, no que se concebe, em primeira instância, a primazia da tensão entre o desejo dos pesquisadores e as implicações que o atravessam como ponto de partida de toda investigação (QUERRIEN, 1976; RODRIGUES, 1994; MOZÈRE, 2004; DOSSE, 2010). Em 1966 é publicado o nº 1 de *Recherches*, revista através da qual se pretende ampliar ao máximo a circulação das pesquisas e das ideias que animam a FGERI⁵. Como solução para o financiamento dos projetos e da própria revista, Guattari mobiliza a Federação em torno da criação do Centro de Estudos, de Pesquisas e de Formação Institucionais (CERFI), através do qual seus membros poderão estabelecer contratos com órgãos públicos e privados que se interessem pelas perspectivas de investigação desenvolvidas – a rigor, experimentadas – pelos pesquisadores ligados ao Centro⁶. *A abertura prospectiva* de que tanto falava Guattari tem aí seu dispositivo:

E, sobretudo, com o mínimo de dinheiro que o permite dispor de um espaço e, numa assembleia geral semanal, acolher a pessoas em busca de articulações sociais, a militantes, convertendo-se num laboratório do que poderia ser a esquizoanálise: uma escuta pública dos desejos de uns e outros e um agenciamento desses desejos entre si, em tempo real; um tipo de maquinação social cujos limites correspondem às insuficiências teóricas e práticas, mas também aos imaginários de seus animadores (QUERRIEN, 2004, p. 22-3, tradução nossa).

No fervilhar desse laboratório de institucionalismos a céu aberto, *Recherches* se tornará, portanto, muito mais do que um produto intelectual do CERFI, operando como centro gravitacional das “atrações passionais” propagadas e confrontadas entre os pesquisadores. A difícil modulação

⁵ A heterogeneidade dos temas abordados no primeiro número de *Recherches* fica evidente nos títulos das colaborações: “Reflexões um pouco filosóficas sobre a psicoterapia institucional” (Félix Guattari); “A propósito da circulação monetária” (Jean Medam); “Por uma democratização da arquitetura” (Alain Fabre, Alain Schmied e Ametico Zublena); “Notas sobre o teatro” (Roland Dubillard); “O vigia” (Georges Preli); “Diário de um educador” (Fernand Deligny); “Uma dimensão da Instituição Pedagógica” (René Lourau); “A maternidade voluntária” (Roger Méry); “Os médicos e a perspectiva socialista” (Jean-Claude Polack); “Política sanitária em psiquiatria” (Jean Pierre Muyard).

⁶ Tornando públicas suas crises, colocando em análise os impasses da pesquisa social, mas também apresentando uma atenção viva ao *surto de vidência* que 68 deixara de herança incompreendida, *Recherches* e o CERFI “fisgam” a atenção do governo francês, que através do Ministério do Equipamento, da Habitação e dos Transportes firmará um grande contrato que dá ao CERFI a condição de bancar a realização de seus projetos, remunerando seus executores e, conseqüentemente, acirrando a diátribe sobre a relação com o Estado entre seus membros (QUERRIEN, 1976; 2002; DOSSE, 2010).



entre autonomia crítica e sobrevivência financeira do coletivo, além das tensões entre a autogestão financiada pelo Estado e conflitos políticos travados na militância se imprimem em letras fortes nas páginas de *Recherches*⁷. Em 1976, umas das principais agitadoras da revista, Anne Querrien, publica entre os apêndices do número 23, uma conversa sobre a vida cotidiana desse coletivo e as ressonâncias da querela que se confunde com a própria existência do CERFI:

Pois, exceto alguns grupos marginais do mesmo gênero que o nosso, quem neste momento faz pesquisa em ciências sociais sem primeiro estar inserido na Universidade? [...] A originalidade do CERFI está em trabalhar com pessoas que não participam das corporações de pesquisa. Mas nós encontramos enormes dificuldades para fazê-lo, para remunerar esses companheiros corretamente. É a margem de manobra que nós temos para fazê-lo que corre o risco de desaparecer (QUERRIEN, 1976, p. 4-5, tradução nossa).

Nesse texto-conversa, todos os interlocutores são assinalados apenas pelo prenome, estando entre eles um certo Michel... Há muitas razões para cogitar que se trata de Foucault. É sabido que, a convite de Deleuze e Guattari, ele assumiu a direção científica do principal contrato firmado pelo CERFI, em 1973, *Genealogia dos equipamentos coletivos*⁸. Além do apoio oficial, Foucault também marcou o CERFI por sua presença efetiva: o “Grupo Genealogia” – como foi chamada internamente a equipe envolvida na pesquisa dirigida por ele (MOZÈRE, 2004) – terá lugar na editoria de *Recherches* a partir de 1973, propagando *transmissões*⁹ foucaultianas para além dos números dedicados ao contrato, presença da qual os temas das edições subsequentes, em grande parte, dão testemunho: história da psiquiatria de setor, da clínica de La Borde, da educação primária ou de uma rua ocupada por militantes de esquerda no subúrbio de Paris; o corpo desviante das prostitutas; “disciplinas à domicílio” e a edificação da família moderna; o asilo; as masculinidades; juízes e procuradores, a “história de uma perversão”; o poder e o desejo de Estado, sem contar, evidentemente, as remissões ao seu trabalho presentes no nº 22 de *Recherches*, o *Coir: álbum sistemático da infância* (Schérer; Hocquenghem, 1976).

⁷ “Uma grande parte do interesse e da força desta experiência que foi a revista *Recherches* reside certamente no fato de que ela proporciona uma verdadeira travessia por toda uma extensão da história contemporânea francesa: das premissas de maio de 68 às desilusões dos movimentos de esquerda nos anos oitenta, passando pelos “jubilatórios” anos setenta. Mas, em realidade, o interesse maior que haveria em registrar uma(s) história(s) de *Recherches* repousa mais provavelmente na análise das modalidades de enunciação que ela propiciou” (NADAUD, 2003, p. 47).

⁸ Dois números de *Recherches* foram dedicados a esta pesquisa: nº 13, *Les équipements du pouvoir - Généalogie du capital/1* (1973); nº 14, *L'idéal historique - Généalogie du capital 2* (1974).

⁹ Desvia-se aqui da categoria usual de “influência”, pois trata-se muito mais de uma irradiação não deliberada (sequer planejada) pelos membros do CERFI e, principalmente, pelo próprio Foucault que, aliás, sendo “crítico da categoria influência – vaga atribuição de andamento causal a fenômenos de semelhança e repetição – jamais repudia a história efetiva das *transmissões*” (RODRIGUES, 2008b, p. 154, grifos da autora). Em sua linha de proveniência alquimística (que não deixa de remeter também às *atrações passionais* de Fourier), as *afinidades eletivas* no CERFI se compõem com o pensamento foucaultiano durante toda a existência de *Recherches*, sem que com isso se configure um encadeamento necessário de temas/problemas/métodos entre eles.



O repentino estrelato de *Recherches* não se deve apenas aos contratos de pesquisa assinados com o Estado. A colaboração recém-nascida entre Deleuze e Guattari acaba de ocupar as livrarias com o lançamento d'*O Anti-Édipo* (1972), livro cuja polêmica aparição funcionará como um convite involuntário para toda sorte de “praticantes” que afluem às portas do CERFI. Entre eles, Guy Hocquenghem chamará atenção. “Ele não chega sozinho, mas com toda uma equipe da FHAR¹⁰, e pede ao CERFI que aceite confiar a ele a responsabilidade de um número da revista sobre as homossexualidades” (DOSSE, 2010, p. 227). Parte dos integrantes do CERFI, reticente, não se manifesta. Sob os auspícios da FHAR e tendo Hocquenghem como capitão, *Três Bilhões de Perversos* povoarão o número 12 de *Recherches*, que será *devorado* nas bancas, nas redações e no banco dos réus.

No texto *Para acabar com o massacre do corpo* (HOCQUENGHEM; QUERRIEN; CRESSOLE, 1973, p. 158-162), frequentemente atribuído a Guattari, o alvo é a relação entre capitalismo, Estado e sexualidade. Refletindo sobre a própria experiência de confecção dessa edição, constata que a simples confrontação das “experiências” individuais no coletivo, por mais desinibidas que pareçam, só os fazem ter mais clareza quanto à enorme conformidade aos estereótipos sexuais que atravessam a todos e a cada um, “desde as camas conjugais até os bordéis, passando pelos banheiros públicos, as boates, as fábricas, os confessionários, os sex-shops, as prisões, os liceus, os ônibus, as casas de orgia etc.” (HOCQUENGHEM; QUERRIEN; CRESSOLE, 1973, p. 161, tradução nossa). É a própria ideia de “sexualidade”, aparentemente liberadora, que se vê em xeque diante do clamor por *outra coisa*:

A sexualidade é uma monstruosidade, tanto em suas formas restritivas como nas formas permissivas, e está claro que o processo de liberalização dos costumes e de erotização promocional da realidade social organizada e controlada pelos gerentes do capitalismo avançado não têm outro objetivo senão tornar mais eficaz a função reprodutora da libido oficial. [...] O que queremos, o que desejamos é arrebentar a tela da sexualidade e suas representações para conhecer a realidade do nosso corpo, do nosso corpo vivente (HOCQUENGHEM; QUERRIEN; CRESSOLE, 1973, p. 161, tradução nossa).

“Maio de 68 nos ensinou a ler nos muros, e desde então começamos a decifrar as pichações nas prisões, nos asilos e hoje em dia nos mictórios. É todo um ‘novo espírito científico’ que está para ser refeito” (GUATTARI, 1987a, p. 39-40). Não obstante o entusiasmo que dava liga à

¹⁰ *Front Homosexuel d'Action Révolutionnaire* (Frente Homossexual de Ação Revolucionária), movimento político autônomo, fundado em Paris em 1971, cuja proposta passava pela produção de uma visibilidade radical para o combate e a subversão do “Estado burguês e heteropatriarcal”. Entre seus aliados contava com Guy Hocquenghem, Christine Delphy, Françoise d'Eaubonne, Daniel Guérin, Pierre Hahn, Laurent Dispot, Hélène Hazera, Jean Le Bitoux, René Schérer, entre outros.



emergência desta “virada epistemográfica”, sua recepção foi hostil. O escândalo, a acusação de “pornografia” e, principalmente, a presença de um capítulo dedicado exclusivamente a responder “como o vício chega às crianças”¹¹, desencadearão, além da censura oficial ao número da revista, um acirramento das tensões entre as diversas tendências ético-políticas no interior do próprio CERFI (QUERRIEN, 2002; DOSSE, 2010).

A polêmica ligada ao lançamento de *Três bilhões de perversos* também sinalizava que a liberdade de expressão, mesmo após 68 – a rigor, *por seu rastro* –, não era exatamente uma evidência. Guattari, diretor geral da *Recherches*, será processado e multado¹²: 600 francos – que equivaleriam ao custo de menos de 30 exemplares daquela edição – foram suficientes para quitar a dívida pecuniária com o pudor de pouco menos de três bilhões de perversos (aqui excetuados, evidentemente, os colaboradores da revista). Entretanto, o que causaria a verdadeira revolta nos editores de *Recherches* seria a destinação dada aos exemplares da revista: retirada de circulação e destruição. Na carta-liminar dirigida aos censores, publicada parcialmente na segunda edição do número (a primeira foi totalmente recolhida), Guattari não deixará de “restituir” a análise ao tribunal:

A questão fica desse modo deslocada: os homossexuais, homens e mulheres, recusam o estatuto de minoria oprimida e pretendem levar uma ofensiva política contra a servidão de todas as formas de sexualidade aos sistemas de reprodução e aos valores das sociedades capitalistas e socialistas burocráticas. [...] São os temas desenvolvidos por esta corrente de pensamento que foram explorados no número de *Recherches* pelo qual fui acusado – como diretor da publicação – de “atentado ao pudor”. Na verdade, este número de *Recherches* não coloca fundamentalmente senão problemas políticos. A acusação de pornografia é apenas um pretexto, fácil de invocar neste domínio particular; o essencial é reprimir “para servir de exemplo” (GUATTARI, 1987a, p. 40-1).

Quatro décadas depois, a *Recherches* nº 12 permanece com acesso restrito¹³. Além de retirada de circulação, a publicação teve um trecho em especial absolutamente censurado. Sob o

¹¹ “Na sessão publicada sob o título Pédo-Philie, pode-se ler especialmente estas observações de um adulto nomeado como Max: ‘O que me parece hoje a coisa mais perigosa, é a ideologia segundo a qual cada classe de idade só transa entre si. É a armadilha número um do reformismo, é a nova segregação, os jovens com os jovens, os velhos com os velhos, os impúberes com os impúberes’” (DROIT, 2001, online, tradução nossa).

¹² Reproduzimos aqui quase integralmente a nota explicativa presente no livro *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*: “A sentença condenou Félix Guattari, diretor da revista, a 600 francos de multa por atentado ao pudor e, considerando a publicação uma ‘exibição detalhada de torpezas e desvios sexuais’, o ‘desembuchar libidinoso de uma minoria de perversos’, ordenou a destruição de todos os exemplares.” (GUATTARI, 1987a, p. 42 [nota 1]). Curiosamente, no Brasil o texto de Guattari se chama “Três milhões de perversos no banco dos réus”, provável lapso de tradução que verte *milliards* por milhões, quando na verdade se trata de aludir à ideia de que “somos todos perversos” (a população mundial na década de 1970 rondava a cifra dos três bilhões).

¹³ Relançada em versão digital pela revista francesa *Critical Secret* em 2002, o acesso a esta edição é condicionado à solicitação de senha aos editores através do endereço eletrônico disponível no site: <http://www.criticalsecret.com/n8/htsum/index.html>.



título *Pédo-Philie*, a sessão não está disponível nem mesmo na versão eletrônica¹⁴. Karl Kraus dizia que um escândalo começa quando a polícia lhe põe fim. O aforismo não poderia ser mais preciso; no caso *Recherches*, parece ter sido feito sob encomenda.

3. A cruzada das crianças

É o inverno de um mundo sem estações; meus amigos me desertam; viver é mais pesado. Os dias de sol escoam e não há quem festeje. Depois, ao crepúsculo, a existência pode recomeçar.

Tony Duvert, *Journal d'un innocent*

A segunda metade da década de 1960 parece ter seus gonzos azeitados por um tipo novo de união, forçando mudanças notáveis na direção dos trabalhos: o Foucault da *Arqueologia do saber* (1969) curva seu arco no GIP e nas intervenções Europa a fora, ao que correspondem os cursos do início da década de 1970 no Collège de France e, sobretudo, *Vigiar e Punir* (1975); após realizar diversos trabalhos de história da filosofia, além de “um ensaio de romance lógico e psicanalítico” (*Lógica do sentido*, 1969), Deleuze escreverá com Guattari seu primeiro livro conjunto, *O Anti-Édipo* (1972), no qual “lapidam os diamantes analíticos” em parte provenientes das experiências de La Borde, da FGERI/CERFI e dos cursos de Vincennes; coisa semelhante vai se passar com René Schérer e Guy Hocquenghem: o primeiro, passando da fenomenologia de Husserl à *Harmonia de Fourier* (SCHÉRER, 2000; FOERSTER, 2007), dará voz ao *Emílio pervertido* (1974), enquanto o segundo tenta desvencilhar *O desejo homossexual* (1972) das antinomias da categoria de homossexualidade no próprio discurso militante. A inegável emergência comum das preocupações políticas com a consistência do presente não deve, contudo, fazer crer numa disposição unificadora desse pensamento, senão por sua *coincidente dispersão* em lutas e problematizações muito específicas – a prisão e o corpo, a análise e o inconsciente, a militância e o desejo etc. Ainda assim, é do meio dessas páginas tão heteróclitas que, pouco a pouco, vai saltar uma questão até então

¹⁴ A nota de esclarecimento incluída pelos editores da versão eletrônica no lugar da sessão ausente é digna de menção: “Não se trata de passagem ao ato, e sim de escritura, no que reside toda diferença: face à legislação em vigor, de fato repressiva, intolerante no que toca à liberdade de expressão, na ocasião de disponibilizar a edição eletrônica de *Trois milliards de pervers* [...], trinta anos após seu lançamento original em versão impressa sob a atmosfera de todas as liberações (1973), foi preciso – para preservar as editoras e as pessoas – suprimir a sessão sobre os meninos (nada mais, nada menos que sedutora), correspondente ao título genérico *Pédo-Philie*. [...] Assim corre o tempo em que os tabus e as presunções de censura se transformam, permitindo agora oferecer um meio de acesso à versão eletrônica, na falta da edição tradicional impressa. Desde que a publicação do trecho ausente se torne novamente possível, não hesitaremos em restituí-la ao seu devido lugar.” (CRITICAL SECRET, 2002 In: HOQUENGHEM; CRESSOLE; QUERRIEN, 1973 [2002], tradução nossa).



inaudita: a relação do desejo infantil *com* os adultos. A variação climática ocorrida de lá para cá faz com que hoje se censure o que estava em pleno debate naqueles anos “contestatórios”.

Seus trabalhos alimentaram os discursos e as práticas da rebelião antiautoritária. O objetivo era fazer ruir as barreiras de uma sociedade que se via extremamente confinada e conformada, chegando-se a uma conclusão que se mostrara coerente à época em que foi formulada, mas que, atualmente, parece monstruosa: a separação sexual ordinária entre crianças e adultos é um símbolo da normalização e da repressão dos desejos (DROIT, 2001, online, tradução nossa).

Para além das prateleiras de filosofia, ventos ariscos também sopram em outras bandas. “Decididamente, a marca registrada da literatura francesa moderna são os *amores minoritários*. Em toda a obra de Duvert, a paixão erótica pelos meninos, como em Genet a paixão homossexual, desempenha um papel fundador do texto romanesco” (DUVERT; HOCQUENGHEM; VOLINE, 1979, online, tradução nossa). A “tradição” subversiva iniciada por Jean Genet terá sucessores cujas aquarelas matizam imagens de uma infância desejante, desejável: em 1973, com o apoio de Roland Barthes, o *Médicis*¹⁵ é concedido ao jovem Tony Duvert por sua *Paisagem de fantasia* (1973). Reconhecido pelos dotes literários de quem respira os ares do *Nouveau Roman*, Duvert se tornará célebre, entretanto, por seu declarado combate à “criança de família”. Investida literária cujas ressonâncias não são apenas estéticas. Os anos de 1976 e 1977 trarão consigo uma problematização radical da família¹⁶, seja como dispositivo de assujeitamento, seja como mecanismo de policiamento da infância ou como vetor de degradação ecológica da “sociodiversidade”: “Figura gloriosa da jardinagem social dos poderes públicos, a família celebrada como ‘a célula de base da

¹⁵ Prêmio literário concedido anualmente desde 1958, o *Médicis* nasceu com a proposta de laurear “escritores cujo prestígio ainda não corresponde ao talento”. A circunstância da premiação de Duvert, bem como a descrição minuciosa desse clima favorável (e, principalmente, de sua desapareição) são abordados exaustivamente em *L’enfant interdit: comment la pédophilie est devenue scandaleuse* (“A criança proibida: como a pedofilia se tornou escandalosa”), estudo do sociólogo francês Pierre Verdrager (2013). Numa direção paralela (embora menos, Marie-Eve Ducharme, pesquisadora do Departamento de Literatura Comparada da Universidade de Montréal, apresentou em 2009 uma pesquisa sob o título *Pédérastie, pédophilie: filiation, rupture, déviance* (“Pederastia, pedofilia: filiação, ruptura, desvio”), cujo propósito é “refletir sobre as questões que recobrem a pedofilia na sociedade ocidental contemporânea” (DUCHARME, 2009, p. iii, tradução nossa), num sobrevoio que vai da Grécia Antiga à arte contemporânea (literatura, cinema, fotografia), passando por uma análise do tema nos livros *Der Tod in Venedig* (“Morte em Veneza”), de Thomas Mann (1912) e *Quand mourut Jonathan* (“Quando Jonathan morreu”), do próprio Tony Duvert (1978). Ainda que o foco da pesquisa que originou o presente ensaio não se dirija, senão perifericamente, ao problema da pedofilia – nela pretendemos, se muito, situar a singularidade da emergência histórica do *Coir: álbum sistemático da infância* em meio a estas lutas –, interessa apontar a presença de estudos recentes que colocam em perspectiva a *questão* da pedofilia, em especial a partir da sua inflexão na década de 1970, analisando-a, antes de mais nada, como *acontecimento*.

¹⁶ Sem contar *Coir* (esgotado em 1976 e reeditado em 1977), a própria *Recherches* terá neste biênio um volume devotado à pesquisa *Disciplinas a domicílio: a edificação da família* (JOSEPH; FRITSCH, 1977); entre 1973 e 1976, a família povoa as preocupações de Foucault, do que testemunham o cursos *O poder psiquiátrico* (1973-1974/2006) e *Os anormais* (1974-1975/2011); por sua vez, Jacques Donzelot lança *A polícia das famílias* (1977/1980), livro que mapeia a conversão da família moderna em instrumento de normalização privilegiado pelas estratégias de governo da conduta que passam da filantropia à medicina social, da psicanálise à economia; numa perspectiva paralela, Philippe Meyer publica *A criança e a razão de Estado* (1977).



sociedade’ parece ser um momento transitório de um longo e devastador processo de empobrecimento da vida comum” (MEYER, 1977, p. 26-7, tradução nossa).

Não obstante a constatável “derrota”¹⁷ dessa *perspectiva* radical que apela à cultura e à história para engendrar uma sociabilidade nova e um lugar absolutamente distinto para a criança, o interesse pelo tema está no ar faz algum tempo: seja dissimulando-se no *frisson* reaceso na ocasião em que Stanley Kubrick (1962) leva ao cinema pela primeira vez a já famosa *Lolita*, de Nabokov (1955); seja declaradamente na presença do assunto, em especial sob a forma de debate, nas páginas dos influentes *Le Monde* e *Libération* (ao contrário da automática condenação que assumirá o primeiro plano ao início dos anos 1980), sem falar na imprensa militante.

Em 1970, entre o mecenato e a vanguarda artística, a então desconhecida pintora Irina Ionesco se tornará a fotógrafa mais ousada de Paris, ao revelar o erotismo do corpo e do olhar de Eva Ionesco, sua filha (que, à ocasião, mal alcançara os cinco anos de idade). Até que ela chegue à adolescência, quando também será clicada por Jacques Bourboulon e estampada nas capas de revista por toda Europa ocidental, as fotografias saltam quase que imediatamente do negativo para as exposições, os livros e o estrelato. Entre 1976 e 1980, Eva atuará como atriz em seis filmes.¹⁸ A dupla captura assume sua forma mais esquemática no *affaire Eva Ionesco*: as mesmas revistas que a exibem totalmente nua na capa trazem como manchete “Lolitas à venda: crianças no mercado sexual”¹⁹. Irina alcança fama em toda a Europa, mas não sem passar pela justiça francesa. À época, investigada pela assistência social por denúncias de abuso amparadas no método utilizado pela mãe para atingir a celebridade meteórica; em 2012, processada pela própria Eva por danos morais e condenada a pagar dez mil euros à filha, além de ter que entregá-la boa parte dos negativos das fotos, hoje amplamente difundidas na web. Apesar da disputa jurídica e do ódio declarado pela mãe, Eva, que se tornou diretora de cinema, trabalha atualmente numa trilogia sobre a relação com Irina, cuja primeira parte, *My Little Princess* (2011), trata de sua infância e adolescência ao lado da mãe como estrela do erotismo francês – *status* que a diretora-protagonista repudia absolutamente.

O cinema, aliás, será dadivoso em forjar outras imagens (e polêmicas) da infância durante os anos 70, não somente no que toca à sexualidade ou a educação, e muito além do cinema francês: da

¹⁷ A este respeito, cf. VERDRAGER, 2013 (Chapitre 3 – La dérouté pédophile, pp. 115-187).

¹⁸ *Le locataire*, de Roman Polanski (1976); *Spermula*, de Charles Matton (1976); *Maladolescenza*, de Pier Giuseppe Murgia (1977); *L’Amant de poche*, de Bernard Queysanne (1978); *L’hôtel du libre-échange*, de Georges Feydeau (1979); *Journal d’une maison de correction*, de Georges Cachoux (1980). Informações obtidas no portal eletrônico *Internet Movie Database* (IMDb) <<http://www.imdb.com/>> e no fórum virtual de cinema *MakingOff* <<http://makingoff.org>>.

¹⁹ Manchete na capa da revista alemã *Der Spiegel*, n. 22, 23/05/1977.



Austrália vem *Walkabout*²⁰, de Nicolas Roeg (1971), que acompanha a deriva e as descobertas de duas crianças pelas savanas, após escaparem do assassinato malgrado pelo pai; no mesmo ano, o surrealista japonês Shûji Terayama conclui o iconoclasta *Tomato Kecchappu Kôtei*²¹, distopia cujo regime totalitarista é comandado pelas crianças, sob a liderança de um imperador que, além de decretar que o ketchup se torne “símbolo nacional” (dada sua predileção entre as crianças), proíbe os adultos de fazer qualquer coisa que as infantilize (por exemplo, entoar cantigas de ninar) ou as torne muito parecidas com eles (superproteção, por exemplo); não obstante a anedótica do enredo, este filme que escarnece o Japão do pós-Guerra e suas relações com o Ocidente (MCDERMOTT, 2005), será visto, incompreendido e praticamente esquecido por conter cenas de nudez explícita de crianças *entre* adultos. Do roteiro à fotografia, *O Imperador Ketchup* remete mais à aura do sonho (atmosfera longínqua, imagens opacas, narrativa alegórica) que ao grosseiro olhar da censura; apesar disso, não espanta que os reais escândalos passem despercebidos – o filme abre tomando como epígrafe uma divisa (fourierista?) atribuída a Karl Marx: “O Capitalismo é destruído em sua base se sua força motriz for o prazer em vez da acumulação de riqueza.”

Apenas pinçamos aqui alguns “episódios” em meio à miríade de acontecimentos que, durante a década de 1970, perturbam a lógica da infância separada do mundo adulto. Ao mais ligeiro olhar, é possível perceber o quanto a relação entre infância e prazer sexual, esse “tema ardente” e perigoso, tem de fato um lugar próprio no pensamento e na cultura francesa dessa época. Talvez por já burilar na alma dos franceses desde o século XIII, errando de um lado a outro em busca do clima propício e da boa-venturança.

São os cronistas medievais que espalham desde então a história de certas Cruzadas (há indícios de pelo menos duas) que, por volta do ano de 1212, teriam atraído *alguns milhares* de crianças alemãs e francesas em torno de dois jovens pastores (Stéphane na França, Nicolas na Alemanha...). Marchando em direção a uma Jerusalém que jamais encontrariam, diz-se que a tragédia resultou em muitas mortes, quando não no rapto e na escravidão da maioria das crianças. Vendidas ao Egito ou perdidas no esquecimento, não se sabe ao certo. Mais de sete séculos se passarão até que esta história ganhe as páginas de um livro que só aumenta seu mistério: Marcel Schwob, escritor relativamente desconhecido mesmo entre os franceses, não dará “sua versão” à cruzada das crianças, e sim uma profusão de testemunhos cuja “diferenciação ao infinito” leva à falência a vontade de verdade. Se não permite desvendar o enigma daquelas cruzadas, ao menos a

²⁰ Lançado no Brasil sob o título *A longa caminhada*.

²¹ Esse filme nunca foi lançado no Brasil. Seu título pode ser traduzido como *Imperador Ketchup*.



errância das reminiscências favorece a intuição dos motivos – estéticos, mais do que históricos – de outra figura mítica, vagando sob o som encantador de sua flauta pelos arredores de Hamelin²².

Estaria aí uma linha de errância que fabula as proveniências do nosso imaginário tutelar em relação à infância? A digressão tem sua força não só pelo encantamento da imagem. De volta aos anos 70, é sob o signo desta história que, paralelamente à aventura dos jornais, romances e filmes, um ambicioso projeto de “história da sexualidade” faz chegar às livrarias seu primeiro volume (de pelo menos seis), livro-mensageiro das tormentas de um programa cujas linhas de desenvolvimento, ainda que inquietantes, são bastante claras, em muito já estabelecidas, preparadas (ERIBON, 1990; GROS, 2011). Aquém das belíssimas páginas que seu mentor devotará mais tarde para clarear, para si mesmo e para os outros, as razões do desvio inevitável, não deixa de intrigar que tamanho empreendimento persista sob a aura de uma palavra ao mesmo tempo abreviada e arquivada.

Poderíamos começar com um enigma. Foucault, em 1976, publica *A vontade de saber*, primeiro volume de sua *História da Sexualidade*, que é menos uma obra de história do que o anúncio de uma nova problematização da sexualidade, a exposição daquilo que serviria como quadro metodológico para os livros seguintes, assim anunciados: 2. “A carne e o corpo”; 3. “A cruzada das crianças”; 4. “A mulher, a mãe e a histérica”; 5. “Os perversos”; 6. “Populações e raças”. Nenhum desses livros jamais foi publicado, embora os cursos no Collège de France de 1973 a 1976 fossem abundantes em desenvolvimentos capazes de alimentar esses estudos. *Foucault não escreve esses livros*, ainda que estivessem prontos, programados. Segue-se um silêncio de oito anos, rompido em 1984 pela publicação simultânea de *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*, cujas provas ele corrige algumas semanas antes de sua morte (GROS, 2011, p. 457-8, grifos meus).

Sob o risco de ser mal-entendido, diria que a presente meteorologia da moral deve muito a um livro inexistente. Volume 3 hipotético, provavelmente rascunhado e devidamente conservado entre as propaladas 37.000 páginas de documentos inéditos de autoria de Foucault, recém-adquiridas pelo governo francês. Herdeiro da sina do seu título, este volume mítico parece mais um testemunho quimérico, de conteúdo sonhado e itinerários inapreensíveis, ao qual um Marcel Schwob *do ano de 2100* dedicaria a ampliação do feixe de relatos, incluindo pelo menos mais um capítulo à sua própria *Cruzada das crianças*. É certo que a alusão à fatídica e lendária errância pueril do século XIII pode não passar de uma homenagem do Foucault amante da literatura, que afinal prometia tratar, num período mais recente (século XVIII), daquilo que chamara de “pedagogização do sexo da criança”.

²² Alusão ao “flautista de Hamelin”, cuja história lendária é retomada com frequência ao longo do *Co-ire*, de Schérer e Hoquenghem (1976). A relação entre as duas lendas é traçada por Walter Carlos Costa, numa introdução ao livro *A cruzada das crianças*, de Marcel Schwob (1996).



(...) dupla afirmação, de que quase todas as crianças se dedicam ou são suscetíveis de se dedicar a uma atividade sexual; e de que tal atividade sexual, sendo indevida, ao mesmo tempo “natural” e “contra a natureza”, traz consigo perigos físicos e morais, coletivos e individuais; as crianças, são definidas como seres sexuais “liminares”, ao mesmo tempo aquém e já no sexo, sobre uma perigosa linha de demarcação; os pais, as famílias, os educadores, os médicos e, mais tarde, os psicólogos, todos devem se encarregar continuamente desse germe sexual precioso e arriscado, perigoso e em perigo; essa pedagogização se manifestou sobretudo na guerra contra o onanismo, que durou quase dois séculos no Ocidente (FOUCAULT, 1976/2012, p. 115).

Ainda que suas órbitas percorram traçados distintos, nesse ponto há um luminoso *alinhamento* entre as trajetórias de pensamento de Foucault e Schérer. Se entre *Emílio pervertido e Vigiar e punir* coemerge a análise do panóptico de Jeremy Bentham²³, é com a mesma precisão que esses dois percursos tão singulares voltarão a se cruzar, desta vez detendo sua atenção ao modo como se articulam, a partir da modernidade, a educação e a sexualidade:

Certamente não foi Rousseau quem inventou o medo pânico dos educadores a respeito da masturbação infantil. Antes mesmo de ser uma ideia pedagógica, há nisso uma ideia de médico, depois uma ideia de pedagogos e médicos misturados, como o mostra Jos Van Ussel, em seu estudo muito detalhado e fundamental sobre a *História da repressão sexual* [...]. Aqui, não podemos fazer mais que remeter a esse livro que dá início na França – com a popularização da obra de Tissot, *Do onanismo* – à onda de repressão pedagógica. Mas é de fato Rousseau quem dá a esta ideia, a esta psicose, seu estatuto definitivo na filosofia da educação (SCHÉRER, 1974/2006, p. 27, tradução nossa).

As correspondências não cessam aí. No curso *Os anormais*, de 1974-1975, Foucault dedica as últimas três aulas às injunções que atravessam o corpo da criança a partir da constituição da família nuclear como arremate estratégico da nascente “ciência das condutas”, a psiquiatria. As remissões a Van Ussel ou Tissot são frequentes: “Rapidamente, depois da publicação na França do livro de Tissot, o problema, o discurso, o imenso falatório sobre a masturbação começa e não para por todo um século” (FOUCAULT, 1974-1975/2011, p. 203). Não é a primeira vez, diria o próprio Schérer, que duas pessoas, sem trocar uma palavra a respeito, “captam” as mesmas ideias: afinal, elas estão *no ar* (SCHÉRER; LAGASNERIE, 2007).

²³ De fato, enquanto Schérer ministra seus cursos em Vincennes e prepara *Emílio pervertido*, tratando das inflexões pedagógicas do panoptismo, Foucault desenvolve o conceito de dispositivo disciplinar no Collège de France (*O poder psiquiátrico*, 1973-1974, publicando *Vigiar e punir* no ano seguinte). Em diversas entrevistas, o próprio Schérer faz menção a essa “feliz coincidência”, evitando alimentar a ideia de uma “influência”, seja unilateral, seja recíproca. Numa dessas ocasiões, o humor deixa o terreno livre dos fantasmas de autoria através de sua própria evocação: “Simplesmente, Foucault estendeu o panóptico a todo o campo da sociedade disciplinar. Eu havia me concentrado sobre a infância e, curiosamente, o dissociei do espaço disciplinar da prisão para o qual Jeremy Bentham o havia inventado. Quanto a ter ‘influenciado’ Foucault, Deus me defenda de ter esta pretensão!” (SCHÉRER; LAGASNERIE, 2007, p. 152, tradução nossa).



E, no entanto, Foucault deixa sua *Cruzada* à deriva dos arquivos. A conhecida introdução de *O uso dos prazeres* (1984) nos poupa o tempo de uma longa explicação que só perderia em beleza: “Quanto ao motivo que me impulsionou foi muito simples. [...] É a curiosidade – em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo” (FOUCAULT, 1984/2012, p. 15). Abusando das fórmulas, poderíamos ver nessa coragem espantosa a ultrapassagem de uma vontade de saber por uma *vontade de errar*: “Quanto àqueles para quem esforçar-se, começar e recomeçar, experimentar, enganar-se, retomar tudo de cima a baixo e ainda encontrar meios de hesitar a cada passo, àqueles para quem, em suma, trabalhar mantendo-se em reserva e inquietação equivale à demissão, pois bem, é evidente que não somos do mesmo planeta” (FOUCAULT, 1984/2012, p. 14). Um meteorologista, afinal.

Ainda que sua fala-flauta encantasse multidões de ouvintes no Collège de France, todos sabiam do seu gosto por essa aventura malsã que é a escrita. “Quando não é mais que a realização de um programa teórico, a escrita perde sua vocação autêntica, que consiste em ser o lugar de uma experiência, de um ensaio” (GROS, 2011, p. 458). Arriscando uma fabulação que, em vez de explicar, só aumenta o mistério, poderíamos nos perguntar se o convite de Foucault à leitura do *Co-ire* (“leiam o livro de Schérer e Hocquenghem!”²⁴) – que chegara às prateleiras junto com *A vontade de saber* – não seria carregado dessa força de descaminho que resultará na mudança de direção da *História da sexualidade* e, conseqüentemente, no abandono do volume 3... Schwob veria nesses “movimentos vãos” um assunto de maior interesse que o próprio “conteúdo real” de um livro não escrito.

A cruzada das crianças não é apenas uma lenda. Evocada, sugerida, insinuada, ela recupera seu ar trágico, inevitável, e *repete* aquilo que a errância primeira só pressagia: os testemunhos se proliferam, as versões erram tal qual cruzados pueris, os destinos se ignoram. Mesmo que o caminho indicado por Foucault em *A vontade de saber* se restringisse às indicações do programa inicial da pesquisa, o indício ligeiro de que acompanharia “crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos” (FOUCAULT, 1976/2012, p. 9) não deixa de provocar uma indagação: o que Foucault apresentaria de novo naqueles papéis por arrematar? Haveria entre a

²⁴ “E se eles, afinal de contas, pouco se importassem? Se a liberdade de não ser adulto consistisse justamente em não estar dependente da lei, do princípio, do lugar comum – afinal de contas tão entediante – da sexualidade? Se fosse possível estabelecer quanto às coisas, às pessoas, aos corpos, relações polimorfos, não seria isto a infância? Este polimorfismo é chamado pelos adultos, por questões de segurança, de perversidade [perversão]; que assim o colorem com os tons monótonos de seu próprio sexo. [...] Leia o livro de Schérer e Hocquenghem: ele mostra que a criança tem um regime de prazer para o qual o código do ‘sexo’ constitui uma verdadeira prisão” (FOUCAULT, 1977/1979, p. 235-6).



direção de seus trabalhos e *o tempo que fazia* ao redor de seus arquivos essa condução térmica, essa transmissão dos calores da *década jubilatória*? Curiosidade infantil, que à maneira da *Alice* de Carroll, interroga não tanto para saber a resposta exata, mas para ver o que acontece...

Referências

- AUSTER, Paul. *Todos os poemas*. Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- CELMA, Jules. *Diário de um educador*. Trad. Elizabeth Sawaya Kaphan. 2. ed. São Paulo: Summus, 1971/1979.
- COHN-BENDIT, Daniel. *O grande bazar*. Trad. Caterina Koltai. São Paulo: Brasiliense, 1975/1988.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*. Capitalismo e esquizofrenia, vol. 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997b.
- _____; _____. Mai 68 n'a pas un lieu. *Chimères* [online], n. 64, 2007, Paris: Éditions ÈRÈS, 2009, pp. 23-24. Originalmente publicado em *Les Nouvelles littéraires*, 3-9 mai 1984, pp. 75-76. Disponível em: <http://www.cairn.info/load_pdf.php?ID_ARTICLE=CHIME_064_0023>. Acesso em 10 jan. 2013.
- DONZELOT, Jacques. *A polícia das famílias*. Trad. M. T. da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1977/1980.
- DOSSE, François. *Gilles Deleuze & Félix Guattari: biografia cruzada*. Trad. Fatima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DROIT, Roger-Pol. De la subversion par la sexualité à la reconnaissance des droits de l'enfant. *Le Monde*, 28 fév. 2001. Disponível em: <http://www.ac-versailles.fr/PEDAGOGI/SES/vie-ses/hodebas/roger-pol_droit1.htm>. Acesso em: 27 ago. 2006.
- DUCHARME, Marie-Eve. *Pédérastie, pédophilie: filiation, rupture, déviance*. Mémoire de *Maître ès arts* (M.A.). Département de Littérature Comparée, Faculté des Arts et Sciences, Université de Montréal, 2009. Disponível em: <<https://papyrus.bib.umontreal.ca/xmlui/handle/1866/3605>>. Acesso em 26 abr. 2013.
- DUVERT, Tony. *Paysage de fantaisie*. Paris, França: Minuit, 1973.
- _____. *O sexo bem comportado*. Grandezas e misérias da educação sexual. Trad. Fernando Cabral Martins. Porto, Portugal: Afrontamento, 1974/1979.
- _____; HOCQUENGHEM, Guy; VOLINE, Marc. Tony Duvert: Non à l'enfant poupée. *Libération*, 10 et 11 avril 1979. Disponível em: <<http://www.bafweb.com/Lib19790410.html>>. Acesso em 26 jan. 2014.
- ERIBON, Didier. *Michel Foucault*. 1926-1984. Trad. J. L. Gomes. Lisboa, Portugal: Ed. Livros do Brasil, 1990.
- FOERSTER, Maxime. *Penser le désir*. À propos de René Schérer. Paris, França: H&O Éditions, 2007.
- FOUCAULT, Michel. Não ao sexo-rei. In: _____. MACHADO, Roberto (org.). *Microfísica do Poder*. Rio e Janeiro: Graal, 1977/1979. pp. 126-136.
- _____. *O poder psiquiátrico*. Curso dado no Collège de France (1973-1974). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. *Os anormais*. Curso no Collège de France (1974-1975). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.



_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 22. reimpressão. Rio de Janeiro: Graal, 1974/2012.

_____. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 22. reimpressão. Rio de Janeiro: Graal, 1984/2012.

_____; DANET, Jean; HAHN, Pierre; HOCQUENGHEM, Guy. La loi de la pudeur. (Entretien réalisé a Dialogues, France-Culture, 4 avril 1978). In: _____. *Dits et écrits II 1976-1988*. Ed. e org. Daniel Defert e François Ewald. 2. ed. Paris, França: Gallimard, 2001b. Texto n° 263, pp. 763-77.

FOURQUET, François. *Histoire du CERFI*. Extrait de “L’accumulation du pouvoir ou le désir d’Etat”, *Recherches*, n° 46, Octobre 1981 [online]. Disponível em: <<http://www.multitudes.net/Histoire-du-CERFI/>>. Acesso 22 dez. 2013.

GROS, Frédéric. O curso de 1982 na obra de Michel Foucault. In: FOUCAULT, Michel. *Hermenêutica do sujeito*. Curso dado no Collège de France (1981-1982). Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. pp. 457-493.

GUATTARI, Félix. Três milhões de perversos no banco dos réus. In: _____. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. Trad. Suely Belinha Rolnik. São Paulo: Brasiliense, 1973/1987a. pp. 38-42.

_____. *Les années d’hiver: 1980-1985*. Paris, França: Les Prairies Ordinaires, 2009.

HOCQUENGHEM, Guy; CRESSOLE, Michel; QUERRIEN, Anne (orgs.). Trois Milliards de Pervers: grande encyclopédie des homosexualités. *Recherches*, n. 12. Paris: Centre d’Études, de Recherches et de Formation Institutionnelles – CERFI, 1973. [Publicação censurada pela Justiça Francesa]. Versão eletrônica: *Critical Secret* [online], n. 8-9, ete-printemps 2002. Parcialmente disponível sob acesso restrito em: <<http://www.criticalsecret.com/n8/htsum/index.html>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

JOSEPH, Isaac; FRITSCH, Phillipe BATTEGAY, Alain. *Disciplines à domicile*. L’édification de la famille. *Recherches*, n. 28. Paris: Centre d’Études, de Recherches et de Formation Institutionnelles – CERFI, 1977.

MCDERMOTT, Joshua. *Terayama Shuji and The Emperor Tomato Ketchup: the Children's Revolution of 1970*. Thesis (Master in Theatre), University of Hawai'i, 2005. Disponível em <<http://scholarspace.manoa.hawaii.edu/handle/10125/11971?show=full>>. Acesso em 05 mai. 2013.

MEYER, Philippe. *L’enfant et la raison d’État*. Paris, França: Éditions du Seuil, 1977.

_____. Foucault et le CERFI: instantanés et actualité. *Le Portique* [online], 13-14, 2004. Disponível em: <<http://leportique.revues.org/642>>. Acesso em 21 jul. 2012.

NADAUD, Stéphane. Recherches (1966-1982): histoire(s) d’une revue. *La revue des revues*, n. 34, 2003. pp. 47-76. Disponível em: <<http://www.entrevues.org/rdr-extrait/recherches-1966-1982-histoires-dune-revue/>>. Acesso em 21 jul. 2012.

QUERRIEN, Anne. Chercheurs fonctionnaires?. In: _____. SCHÉRIER, René; HOCQUENGHEM, Guy. L’enseignement 1: l’école primaire. *Recherches*, n. 23. Paris, França: Centre d’Études, de Recherches et de Formation Institutionnelles – CERFI, 1976.

_____. CERFI: 1965-1987. *Critical Secret*, 8/9, Paris, 2002. Disponível em: <<http://www.criticalsecret.com/n8/quer/1fr/index.html>>. Acesso em 21 jul. 2012.

_____. Esquizoanálisis, capitalismo y libertad. La larga marcha de los desafiados. In: GUATTARI, Félix. *Plan sobre el planeta: capitalismo mundial integrado y revoluciones moleculares*. Trad. Marisa Pérez Colina et. alli. Madrid, Espanha: Traficantes de Sueños, 2004. pp. 19-41.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. *As subjetividades em revolta: institucionalismo francês e novas análises*. Dissertação (Mestrado). 3 vols. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, [1993] 1994.



_____. *No rastro dos “cavalos do diabo”*. Memória e história para uma reinvenção do paradigma do grupalismo-institucionalismo no Brasil. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da USP, 2002.

_____. Para um Foucault do ano 2100: ética, política e direitos da criança. In: Coimbra, C. M. B.; AYRES, L. S. M.; NASCIMENTO, M. L. (orgs.). *Pivetes: encontros entre a psicologia e o judiciário*. Curitiba: Juruá, 2008a. pp. 121-130.

_____. Cartografias minoritárias do enclausuramento: sobre Michel Foucault e Charles Fourier. In: ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio de. (orgs.). *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008b, p. 149-164.

SCHÉRER, René. *Émile perversi*. Ou des rapports entre l'éducation et la sexualité. Paris, França: Désordres/Laurence Viallet, 1974/2006.

_____. *L'illusion démocratique*. Réfractations n. 1, 1997. Disponível em: <<http://raforum.info/spip.php?article1615>>. Acesso em 17 fev. 2014.

_____. *Un parcours critique (1957-2000)*. Paris, França: Kimé, 2000.

_____; HOCQUENGHEM, Guy. Co-ire, album systématique de l'enfance. *Recherches*, n. 22. Paris, França: Centre d'Études, de Recherches et de Formation Institutionnelles – CERFI, 1976 [2^e édition revue et corrigée, 1977].

_____; _____. *Coir, álbum sistemático da infância*. Trad. Eder Amaral. São Paulo: n-1 Edições, no prelo.

_____; LAGASNERIE, Geoffroy. *Après tout*. Entretiens sur une vie intellectuelle. Paris, França: Éditions Cartouche, 2007.

_____; BESSIN, Marc. L'enfance: um panoptique, un tour de contrôle. Entretien avec René Schérer. *Mouvements* [online], n. 49, 2007/1, La Découverte, pp. 16-26. Disponível em: < <http://www.cairn.info/revue-mouvements-2007-1-page-16.htm> >. Acesso em 31 mar. 2013.

_____; DELORIEUX, Franck. Rencontre avec René Schérer (Entretien). *Les lettres françaises*, n.76, Novembre 2010 (supplément à *l'Humanité* du 6 novembre 2010), pp. III à V. Disponível em : <<http://www.les-lettres-francaises.fr/2010/11/rencontre-avec-rene-scherer/>>. Acesso em 15 jan. 2013.

SCHWOB, Marcel. *A cruzada das crianças*. Trad. Dorothee de Bruchard. Florianópolis: Paraula, 1996.

VERDRAGER, Pierre. *L'enfant interdit*. Comment la pédophilie est devenue scandaleuse. Paris, França: Armand Colin, 2013.

